

Efeito Bolsonaro?

Maiores taxas de contaminação e mortes estão nos municípios em que Bolsonaro teve maior percentual de votos

Por João Saboia, François Roubaud e Mireille Razafindrakoto

Valor - 03/09/2020

O país continua enfrentando grandes dificuldades no combate à covid-19. Recordes são batidos diariamente em termos de novos infectados e mortes. O Brasil vem disputando com os Estados Unidos e a Índia os números mais elevados de vítimas da pandemia.

Várias críticas têm sido feitas pelos especialistas na área de saúde sobre a razão para nossa performance ser tão desfavorável no combate à doença. As mais recorrentes são a demora na tomada de iniciativas por ocasião dos primeiros casos, as mudanças constantes na condução da política de saúde (e nos respectivos ministros) e a falta de testes, entre outras. Sem contar os desvios de recursos votados à saúde observados em vários Estados da federação.

A evolução da doença teve início com os casos trazidos do exterior pela população brasileira que esteve viajando no início do ano e que vive nas regiões mais desenvolvidas do país, como no caso de São Paulo. Aos poucos foi sendo transmitida para outras regiões urbanas e, com a passagem do tempo, foi sendo disseminada pelo interior do país.

Para verificar as variáveis que poderiam explicar o comportamento da covid-19 encontrado nas diferentes regiões, um grupo de pesquisadores do Instituto de Economia da UFRJ* desenvolveu um modelo econométrico com informações ao nível municipal, incluindo um amplo conjunto de indicadores: demográficos; habitacionais; econômicos; do mercado de trabalho; de mobilidade; e políticos. Tais indicadores são analisados de forma conjunta com o objetivo de procurar explicar o comportamento das taxas de mortalidade e de contaminação municipais.

As fontes de dados utilizadas são as mais variadas como o Censo Demográfico/IBGE, Ministério da Saúde, Fiocruz, INSS, Munic/IBGE, PNS/IBGE, TSE, CEF, Pnud e Facebook. Foram processadas algumas dezenas de milhões de dados para a estimação do modelo.

Ao analisar as diversas variáveis simultaneamente, evita-se uma prática comum em análises simplificadas de considerar as variáveis duas a duas e utilizar correlações simples, que podem fornecer resultados distorcidos. Assim, uma alta correlação entre a idade média da população dos municípios e a taxa de contaminação (ou de mortalidade) pela doença poderia estar sendo influenciada, por exemplo, pelo nível mais baixo de escolaridade e de renda nos municípios com populações mais idosas. Seria, portanto, desejável separar os três efeitos sobre a contaminação (mortalidade) encontrada no município. É exatamente esse tipo de resultado que o modelo produz, separando o efeito dos diversos indicadores sociais, econômicos e políticos.

A ideia de trabalhar com dados municipais se justifica por várias razões. A grande inércia por parte do governo federal no combate à pandemia levou os governos estaduais e municipais a tomarem medidas econômicas e sanitárias em nível local. Coube aos municípios a tomada de iniciativas relativas ao distanciamento social e à paralisação/retomada das atividades econômicas.

Além disso, a análise de dados municipais é mais abrangente para se obter um conhecimento detalhado sobre a pandemia do que a utilização de informações agregadas por Estados e capitais como usualmente são divulgados os dados. Tem ainda a vantagem de fornecer informações coletivas (e não apenas individuais) em um nível bastante desagregado (5570 municípios). Afinal de contas, se por um lado a doença atinge as pessoas de forma individual, por outro é principalmente o comportamento coletivo que determina sua disseminação. A utilização de dados municipais, entretanto, é bastante trabalhosa, exigindo uma enorme quantidade de dados conforme já destacado.

Alguns resultados seriam esperados à priori, como a situação mais desfavorável da doença nos municípios com maior participação de pretos e pardos, com maior parcela da população vivendo em domicílios em condições habitacionais precárias e naqueles onde grande parte da população se encontra mal posicionada no mercado de trabalho.

Mas talvez o resultado mais significativo, embora nem tão surpreendente, seja o fato de que as maiores taxas de contaminação e de mortalidade pela covid-19 tenham sido encontradas nos municípios em que o presidente Bolsonaro teve o maior percentual de votos no primeiro turno das últimas eleições.

Como explicar tal resultado?

Tendo em vista o fato de terem sido utilizadas cerca de vinte variáveis explicativas no modelo, cobrindo as mais diversas características que poderiam influenciar os resultados da doença, este resultado parece relativamente sólido em termos estatísticos, no sentido de revelar que, possivelmente, parcela considerável da população que confia no presidente pode ter se comportado seguindo seu exemplo - não cumprindo o isolamento social, não usando máscaras, minimizando a seriedade da doença - sendo, portanto, atingida com maior intensidade pela covid-19 e disseminando com mais força a doença para os demais moradores do município.

Mais do que as consequências individuais de um comportamento irresponsável frente à pandemia, o principal problema deste tipo de postura são as consequências coletivas, com o aumento da probabilidade de transmissão e eventual morte daqueles que vivem nas proximidades.

A principal mensagem de nossa pesquisa é destacar a responsabilidade da pessoa escolhida pela população para a condução do país. Um comportamento desviante de um presidente da república, como o observado desde o início da pandemia no Brasil, tem um enorme potencial para produzir resultados extremamente negativos, não apenas para seus eleitores, mas também para o restante da população.

* Além dos autores do artigo, participam do grupo da UFRJ que está desenvolvendo esse estudo as professoras Marta Castilho e Valéria Pero. Maiores detalhes sobre o modelo econométrico utilizado podem ser obtidos em contato com a equipe da pesquisa pelo e-mail: saboia@ie.ufrj.br

João Saboia é professor emérito do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ).

François Roubaud e Mireille Razafindrakoto são pesquisadores sênior do Institut de Recherche pour le Développement (IRD) de Paris e pesquisadores visitantes do IE/UFRJ.

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/efeito-bolsonaro.ghtml>